



DA CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO COMPARADO PARA HISTÓRIA

Jaqueline Lima Ximenes Melo¹

Resumo

Este artigo traz uma breve discussão a respeito do uso do método comparativo na pesquisa histórica e sua recente popularização entre os historiadores, muito embora o uso da comparação ha muito fosse defendido por importantes historiadores. Também trataremos de algumas críticas positivas e negativas a seu respeito.

Palavras-chave: História Comparada. Historiografia. Metodologia.

No início do século XIX, diante de um contexto de descontentamento pela exaltação nacionalista que havia conduzido às rivalidades e conflitos entre Estados, muitos passaram a repensar a maneira de como fazer História. Após a Primeira Guerra Mundial, historiadores hostis ao positivismo tiveram maior espaço de divulgação de novas ideias. A História Política começa a dividir espaço com outros campos de observação, surgem novidades teóricas e metodológicas, além da interdisciplinaridade.

Nas primeiras décadas do século XX, Louis Davillé e Lucien Febvre, em artigos publicados na *Revue de Synthèse Historique*, eles:

[...] apresentaram a possibilidade de aplicar o método comparativo aos estudos históricos, buscando superar uma concepção tradicional de História, que privilegiava a singularidade do factual de caráter político, e afastando-se, portanto das práticas pouco científicas dos “*historiadores historicizantes*”[...] (THEML; BUSTAMANTE, 2007, p. 1).

É fato que outras áreas das ciências humanas já se utilizavam do método comparativo, como a Sociologia e a Antropologia. A citar, os estudos de Émili Durkheim, um dos pioneiros na observação comparada, de onde se extrai a formação de tipos sociais segundo a sua semelhança. Claro que o próprio contexto do século XIX era favorável às perspectivas comparativas, uma vez que havia a crença na possibilidade de se criar “Leis Gerais” mesmo nas ciências humanas. Além disso, a comparação também servia para dividir hierarquicamente os povos em avançados e menos avançados.

A obra *Decadência do Ocidente*² foi publicada por Oswald Spengler antes da I

¹ Mestre em História Comparada pela UFRJ. Professora da Escola Municipal Felicidade de Moura Castro. E-mail: jaque.lxm@gmail.com.br.

² Spengler defendeu uma visão cíclica da História e das Culturas. As civilizações aparecem com períodos de nascimento, florescimento e morte. Apesar do interesse em seus trabalhos, não se aproximou do regime nazista.

Guerra Mundial, mesclava o pensamento de Nietzsche com Goethe numa ótica pessimista e cética, considerada quase que “premonitória” sobre os fatos que viriam a ocorrer na Alemanha da República de Weimar. Na obra Spengler aplicou a comparação entre diferentes povos e, embora não advogasse nenhum tipo de racismo, foi utilizado como referência pelo movimento nacional-socialista alemão (GARDINER, 2008).

Ainda que concebendo a proposição de Paul Veyne, “toda história é história comparada”, admitimos que a História tende a voltar-se para aquilo que é singular, firmemente marcado por seu espaço e tempo – a História não se repete. Contudo, não podemos negar as interações, apropriações e circularidades que ocorrem entre diferentes sociedades. Max Weber retrucou aos historiadores os quais rejeitavam o comparativismo histórico alegando que só podemos afirmar que algo é singular se sabemos “o que não está lá”, e pode ser descoberto por meio da comparação entre objetos:

A contribuição de Max Weber para o comparativismo histórico é primordial seja pela ampliação metodológica, seja pelo rompimento das barreiras disciplinares. Para Paul Veyne, os estudos de Weber sobre *A Cidade*, “apaga as fronteiras entre a história tradicional, a sociologia e a história comparada” (VEYNE, 1989).

Em 1928, March Bloch escreveu um importante artigo sobre a História Comparada, ele propunha:

Estudar paralelamente sociedades vizinhas e contemporâneas, constantemente influenciadas umas pelas outras, sujeitas em seu desenvolvimento, devido a sua proximidade e a sua sincronização, à ação das mesmas grandes causas, e remontando, ao menos parcialmente, a uma origem comum (BLOCH, 1928).

Um de seus mais importantes trabalhos é também um clássico da História Comparada, em *Os reis taumaturgos*, Bloch compara o imaginário político de França e Inglaterra, às origens comuns e as similaridades entre estas sociedades.

Não obstante, a História Comparada não se limitou à busca a sociedades sincrônicas. Para Marcel Detienne a comparação poderá percorrer sociedades de tempos diferentes, sociedades simples e complexas, colocando em perspectiva as singularidades, as repetições, o tempo e o espaço.

Ao encontrar semelhanças, inevitavelmente, construímos o que Paul Veyne chama de *constantes*. Isso é muito comum, por exemplo, entre aqueles que se dispõem a analisar período de longa duração e casos de continuidades. Lembrando que a comparação pode ser tanto de semelhanças como de diferenças, mas o historiador tende a privilegiar a última.

Trabalhos mais ousados comparam sociedades em tempo e espaço diferentes, sob o risco de duras críticas quanto a uso de anacrônicos, analogias falsas e similaridades superficiais.

Detienne crítica os historiadores que se encontram amarrados à história local e nacional, pouco atentos às questões transculturais. Para ele existem diversas redes de causais, que têm mais condições de serem percebidas quando se tornam objeto de uma abordagem pela constatação de um conjunto de problemas (conjuntos comparáveis). Sua pesquisa “traçados de fundação” modos de estabelecer territórios sob um conjunto de representações, reuniu africanistas, helenistas, japonizantes e etnógrafos.

O ideal de comparação de Detienne deve reunir um grupo de pesquisadores, de preferência, multidisciplinar e seguir basicamente as etapas: construção de objetos de pesquisa pelos projetos individuais; construção de *conjuntos de problemas*; e o *exercício de experimentação comparada* como conceito metodológico.

[...]é tempo de pleitear, de escrever um manifesto, de mostrar concretamente como o exercício comparativista exige trabalhar junto; ele convida a amearhar as categorias do senso comum, a construir comparáveis que jamais são imediatamente dados e que não visam de modo algum a estabelecer tipologias como também a levantar morfologias (DETIENNE, 2004).

Segundo Etienne Anhein, cada disciplina continua a ter um discurso ideológico próprio, separado de acordo com suas ambições hegemônicas. Aqueles que tentaram de aproximar as disciplinas, o fizeram em benefício próprio de seus campos do conhecimento. Especificidades teóricas e metodológicas servem de entraves, porém os conceitos transmigram entre uma disciplina e outra, desta forma, o comparativo pode ser primeiro tomado dentro de um objetivo global e posteriormente separado, sem o desejo de dominar a disciplina do vizinho, mas romper barreiras.

Para Kocka a comparação “ajuda a identificar questões e a esclarecer perfis de casos singulares. Ela é indispensável para explicações causais e suas críticas, ajudam a criar um clima menos provinciano à investigação histórica”. Embora, de forma geral, os trabalhos de História Comparada permaneceram raros, com um aumento nas décadas de 1970, quando a História tornou-se muito mais orientada para as Ciências Sociais e na década de 1980, a partir da “guinada culturalista”, quando cresceram os estudos sobre as “transferências” e interações culturais entre espaços nacionais.

A História Comparada cria tensão com alguns aspectos tradicionais: a questão da sucessão cronológica de fatos, já que se trata fundamentalmente de discutir um problema utilizando a *diacronia*; com o uso de *fontes*, já que o historiador passa a ter que buscá-las em localidades distantes e até mesmo em outras línguas; com a idéia de contexto, já que o esforço do pesquisador tem que se dar a partir da compreensão de *mais de um contexto*. Embora, “Segundo Heins-Gerhard Haupt, a internacionalização da pesquisa e da vida universitária fomenta este tipo de abordagem” (THELM; BUSTAMANTE, 2007).

De acordo com Kocka, as “inter-relações deveriam se tornar parte de um mosaico,

analisadas como fatores que levem as similaridades ou diferenças, convergências ou divergências” (KOCKA, 2003). O ato da comparação pressupõe a separação analítica, porém, “isso não significaria ignorar ou negligenciar as inter-relações entre estes casos”. Em sua análise comparativa na tese do Sonderweg (caminho especial) alemão, argumenta que a interpretação da história alemã moderna no sentido de uma Sonderweg só pode ser mantida se relacionada com a questão porque a Alemanha virou fascista e totalitária, no período entre guerras e outros países não.

A abordagem comparativa pressupõe que as unidades de comparação possam ser separadas uma das outras. Para Kocka, não é nem a continuidade entre dois fenômenos nem suas influências mútuas, como pressupunha Bloch, que constituem os casos de comparação. Na verdade, eles são vistos como casos independentes, que são reunidos analiticamente por meio de perguntas sobre as similaridades e as diferenças, de forma que a comparação quebre as continuidades.

Em sua análise comparativa na tese do Sonderweg (caminho único) alemão, argumenta que a interpretação da história alemã moderna no sentido de uma Sonderweg só pode ser mantida se relacionada com a questão porque a Alemanha virou fascista e totalitária, no período entre guerras, enquanto outros países não. Neste trabalho, ele aponta para os perigos e as oportunidades inerentes à *relação assimétrica*:

Comparações assimétricas são freqüentemente arriscadas (...). E mesmo se a comparação assimétrica pode conduzir a resultados problemáticos e distorções, mas pode ser autocorretiva ao motivar a pesquisa empírica a revelar aceitações inicialmente unilaterais ou distorcidas (KOCKA, 2003).

Há aqueles, porém, que têm rejeitado o método comparado como um todo, como Micol Seigel, Serge Gruzinski, Michael Werner e Bénédicte Zimmermann. Argumentam que o compartivismo histórico distorce as semelhanças e diferenças entre as unidades estudadas.

Michael Werner e Benédicte Zimmermann propuseram ultrapassar os estudos comparatistas para apreender os fenômenos das interações e transferências. Suas teorias são fortemente influenciadas por uma visão de que o fenômeno da mundialização incidiu criando novos paradigmas, pois haveria um processo de ampliação e de redução dos espaços de referência e de ação. Temos aí dois fenômenos observáveis: a História das Transferências e a História Cruzada (PURDY, 2007).

A História das Transferências refere-se à análise de trajetórias que articulem as representações e práticas, identificando as influências e trocas entre meios. A História Cruzada refere-se à análise das interações entre diferentes sociedades ou culturas, disciplinas eruditas ou tradições. Foca-se nas interconexões empíricas. Ambas caracteristicamente relacionais e servem como ferramentas para pensar a circulação de ideias, com grande influência sobre as teorias pós-modernistas, pós-coloniais e muito

utilizada por historiadores transnacionais.

De acordo com esse ponto de vista, se está muito menos interessado nas similaridades e diferenças e mais nos processos de influência mútua, nas percepções recíprocas ou assimétricas, nos processos cruzados de que se constituírem uns aos outros.

Para Kocka, historiadores transnacionais, sob a influência de teorias foucaultianas sobre a natureza descentrada do poder e as teorias da hiper-globalização, que apontam para o enfraquecimento do Estado-Nação, correm o risco de subestimar as localidades concentradas de poder – de classe, gênero e nação (as comparações assimétricas: a história das transferências e a história Cruzada). Além disso, alguns historiadores têm rejeitado as comparações nacionais e proposto sua substituição por comparações subnacionais.

Diante de tantas questões, voltamos a Detienne: “Como decidir de antemão o que é comparável, a não ser por um julgamento de valor implícito, que parece já afastar a possibilidade de construir o que pode ser ‘comparável’?”

Sabemos que os objetivos e meio utilizados em comparação são variáveis. A comparação de, por Bloch, tinha por fim:

Perceber influências mútuas e buscar explicações para os diversos problemas para além das causas internas; identificar as falsas causas locais e diferenciar as verdadeiras das gerais; encontrar vínculos antigos e perduráveis entre as sociedades (FAUSTO e DEVOTO, 2004).

Ao passo que o modo de comparar de Detienne é testar uma hipótese, onde a comparação permite ao pesquisador “experimental” a partir do contraste entre diferentes casos de modo multidisciplinar, expondo-se até mesmo ao risco do “choque do incomparável”.

Veyne busca a “constante” para ter uma visão mais ampla o possível das escalas de um cenário singular. As particularidades de que tanto falam os historiadores, ou como quer Veyne, o “inventário das diferenças”.

Kocka não nos deixa esquecer que a comparação não está aí somente para evidenciar particularidades, mas nos mostrar que casos de excepcionalidade podem ser enganosos, ou haver distorções em que acreditamos serem suas causas.

Estudos muitos gerais, que cobrem amplas zonas e períodos, como de Arnold Toynbee e a “História comparada das civilizações”, normalmente são mal vistos até mesmo por aqueles que defendem as amplas possibilidades dos estudos comparados. Por isso é importante ter bem definidas as escalas de comparação.

A escolha dos objetos, como em qualquer área, envolve riscos de interpretação por falsa analogia, o estabelecimento de recortes diferenciados pode “resultar em uma abstração excessiva pautada em uma postura de que tudo era passível de comparação

independentemente de tempo/espaço” (THELM; BUSTAMANTE, 2007) Ao fim e ao cabo, não resistir ao de desejo da comparação:

Comparar é um gesto espontâneo, uma prática que o homem exercita nas suas atividades mais corriqueiras, mas que surge com especial intensidade e necessidade quando ele tem diante de si uma situação nova ou uma realidade estranha (BARROS, 2007).

A História Comparada apresenta-se como um duplo ou múltiplo campo de observação. Como método pode ser utilizado para elucidar questões específicas de um único objeto observado, é apenas uma parte de um processo dentro de um contexto mais amplo em que o principal não é a comparação.

Como vimos, há várias formas aplicar o método, pode-se comparar uma realidade conhecida com uma realidade nova, comparar duas realidades conhecidas ou totalmente desconhecidas. Com isso é possível observar as influências ou estabelecer analogias.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. História Comparada, um modo novo de fazer História. Revista de História Comparada, vol. 1, nº 1, jun./2007.
- BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. *Revue de Synthèse Historique*. 6: 1928, p. 15-50.
- DETIENNE, Marcel. Comparar o Incomparável. Ed. Idéias & Letras, 2004.
- FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J.. Brasil e Argentina: um ensaio de História Comparada(1850-2002). Ed. 34, 2004.
- GARDINER, Patrick. Teorias da História. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 228.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and Theory*, Londres, 42: 39-44, fev. 2003.
- PURDY, Sean. História Comparada e o Desafio de Transnacionalidade. In: VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2007, Campinas.
- VEYNE, Paul. O Inventário das diferenças: História e Sociologia. Ed. Brasiliense, 1983.
- THEML, Neyde e BUSTAMANTE, Regina. História comparada: olhares plurais. Revista de História Comparada, volume 1, nº 1, jun./2007.